

Buscando Construir um Quadro Teórico de Referência para Análise da Hospitalidade em Romarias¹

Revista Rosa dos Ventos

5(4) 577-591, out-dez, 2013

© O(s) Autor(es) 2013

ISSN: 2178-9061

Associada ao:

Programa de Mestrado em Turismo

Hospedada em:

<http://ucs.br/revistarosadosventos>



Mônica Schneider², Marcia Maria Cappellano dos Santos³

RESUMO

Aspectos vinculados ao turismo religioso como o trânsito entre o profano e o sagrado, entre turismo, peregrinação e hospitalidade têm se constituído em objeto de numerosos estudos realizados por pensadores do turismo e da religião, os quais revelam interfaces ou tensões conceituais cuja compreensão requer ainda novas e diversificadas abordagens analíticas. Sob essa perspectiva, o presente trabalho desenha um percurso reflexivo no sentido de contribuir na construção de um quadro teórico para pautar análises que tenham por objeto relações de hospitalidade em práticas religiosas como as romarias. Três núcleos conceituais são focalizados. O primeiro remete ao universo conceitual de espiritualidade, religiosidade e religião; o segundo delinea, de um lado, uma aproximação particularmente com conceitos de turismo centrados no deslocar-se em busca do novo, do outro, considerando que a motivação do romeiro estaria em experienciar uma relação com o sagrado; de outro lado, uma aproximação com a estrutura receptiva e organizacional, que seria própria à atividade turística. O terceiro núcleo recai sobre interações envoltas por desejos, expectativas, demandas, trocas, negociações, interações essas presentes nas relações de acolhimento ou de hospitalidade.

Palavras-chave: Turismo.
Turismo Religioso.
Hospitalidade. Romaria.

¹ Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que financiou os estudos da primeira autora.

² **Mônica Schneider** - Mestre em Turismo, como bolsista CAPES. Bacharel em Turismo, pela Universidade de Caxias do Sul/RS. E-mail: monischneider2013@yahoo.com.br

³ **Marcia Maria Cappellano dos Santos** - Doutora em Educação. Docente e pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Turismo, da Universidade de Caxias do Sul, RS. E-mail: mcsantos@ucs.br

ABSTRACT

Seeking to Build a Theoretical Reference Frame to Analyze the Hospitality in Pilgrimages - Aspects entailed to the religious tourism as the transit between the profane and the sacred, between the tourism, the pilgrimage and hospitality have been constituted in object of numerous studies done by thinkers of tourism and religion which reveal interfaces or conceptual tensions whose comprehension requires yet new and diversified analytical approaches. Under this perspective, the current project outlines a reflexive course on the sense of contributing to a construction of a theoretical frame to measure analyses which have as object hospitality relations in religious practices such as the pilgrimages. Three conceptual nucleuses are focused: the first alludes to the conceptual universe of spirituality, religiosity and religion. The second delineates, in one side, an approximation particularly with tourism concepts centered in dislocating itself seeking for something new and, on the other side, considering that the pilgrim's motivation would be in experience a relationship with the sacred. On the other hand an approximation with the receptive and organizational structure which would be the self-touristic activity. The third nucleus relapses on interactions surrounded by hopes, expectations, demands, exchanges, and negotiations, interactions that are present in the relations of reception or the ones of hospitality.

Keywords: Tourism. Religious tourism. Hospitality. Pilgrimage.

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

"O turismo é uma circunstância ideal em que a pessoa percebe que é peregrina no tempo e no espaço" (CNBB, 2009, p. 85).

Quando se busca desenhar um percurso reflexivo no sentido de construir um quadro teórico para pautar análises que têm por objeto relações de hospitalidade em romarias, as interfaces que se delineiam entre esses universos trazem à reflexão núcleos conceituais que se entrelaçam, dos quais emergem conceitos que transitam entre o profano, o sagrado, a religiosidade, a espiritualidade, o turismo, o turismo religioso e as peregrinações, entre outros, os quais vêm sendo abordados à luz de diferentes vieses teóricos. A complexidade que disso decorre requereria que se os abordasse com a profundidade necessária, no entanto, em função de restrições contextuais atinentes ao presente trabalho, busca-se, na sequência, realizar algumas incursões teóricas preliminares que permitam fomentar a discussão científica a respeito, de forma a qualificar a compreensão das relações referidas entre hospitalidade e romaria.

ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE: RELIGIÃO COMO ITINERÁRIO

Partindo-se do entendimento de romaria como uma prática religiosa, esta se constituiria numa experiência com o transcendente, com o mistério, com o sagrado, com o divino, consubstanciando formas de 'ser no mundo', nos dizeres de Eliade (1992), ou formas de

vivenciar a religiosidade e, mais amplamente, a espiritualidade. A religiosidade estaria diretamente vinculada a um jeito específico de manifestar a ligação com o transcendente, expressando características próprias de cada religião (Bettega, 2009). Lembre-se que a palavra latina 'religio', que significa 'religar', está etimologicamente presente na origem da palavra 'religião'. Para Zenevitz (2009), a religiosidade está relacionada a uma igreja ou instituição religiosa organizada e à realização de práticas e de ritos a ela ligados, tanto em âmbito individual quanto institucional (onde estariam inseridas as romarias).

Na base, portanto, da religiosidade estão atitudes e sentimentos afetos a uma crença religiosa, uma experiência de conexão compartilhada (Roberto, 2011). E, nesse sentido, é uma das formas de vivenciar a espiritualidade. Esta, nas palavras de Boff e Frei Betto (1994), "é uma experiência mística, misteriosa, que adquire uma conotação normativa na nossa vida. A mística é a experiência fundante do ser humano desde que ele existe na face da Terra, mas há diferentes espiritualidades e diferentes modos de vivenciá-las" (p.28).

Sob esse prisma, vinculando-se à experiência é a espiritualidade que produz no ser humano uma mudança interior, revelando-se na capacidade de diálogo consigo mesmo, na escuta do outro, e no cuidado com o outro, traduzindo-se em amor, em sensibilidade (Boff, 2006). Bettega (2009) observa assim que, embora existam relações entre espiritualidade e religiosidade, esses fenômenos não podem ser confundidos, nem tratados de forma semelhante. Para o autor a espiritualidade é mais ampla e até independente desta ou daquela religião. Ela consiste na dimensão humana da busca da transcendência.

A prática da romaria, por sua natureza, estabelece, pois, elos com o universo da espiritualidade, da religiosidade, ou mesmo da religião. No entanto, ela conduz à configuração de outros vínculos, dentre os quais aqueles que a inseririam também no quadro das práticas turísticas, ou, mais especificamente, das práticas de turismo religioso. Com o intuito, pois, de buscar delinear mais claramente essas relações, são retomados, nas considerações que seguem, numa perspectiva ora diacrônica, ora sincrônica, os conceitos de turismo, turismo religioso, aportando, inclusive, o pensamento da Igreja Católica expresso em documentos da Pastoral do Turismo.

RELIGIÃO E TURISMO: UMA PERSPECTIVA DE INTERFACE

O turismo, fenômeno de caráter complexo e multi-inter-transdisciplinar, vem sendo objeto de muitas definições, linhas de abordagem, englobando elementos como objetivo, motivação, duração da viagem, distância percorrida, entre outros aspectos. Para Gastal (2005), o turismo, em sua complexidade, apresenta-se como um fenômeno social, cultural e econômico, podendo ser considerado um campo de práticas histórico-sociais, pressupondo o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços diferentes daqueles dos seus cotidianos. "É um deslocamento coberto de subjetividade, que possibilita afastamentos concretos e simbólicos do cotidiano, implicando, portanto, novas práticas e novos comportamentos diante da busca do prazer" (Gastal & Moesch, 2007, p. 11). Dessa forma, como explicam as mesmas autoras, o turismo estaria relacionado a processos de estranhamento, em que o turista, em seus deslocamentos, depara-se com o novo que o mobiliza e o induz a "parar e a re-olhar, a repensar, a reavaliar, a ressignificar não só a situação, o ambiente, as práticas, vivenciadas naquele momento e naquele lugar, mas muitas das suas experiências passadas" (p. 11).

Corroborando o entendimento do turismo como fenômeno humano, que compreende um todo conexo de experiências vividas antes, durante e depois de sua realização, Panosso Netto (2005) ressalta que o turismo pode ser visto como "a busca da experiência humana, a busca da

construção do ‘ser’ interno do homem, fora do seu local de experiência cotidiana” (p.30). Para essa construção, não importa estar em viagem ou tendo dela retornado. O sujeito continua a experienciar, a recordar e a reviver o passado, independentemente do tempo cronológico. Na conjunção das experiências passada, presente e futura constrói-se o “ser turista” e configura-se o fenômeno turístico, “numa complexa e imbricada relação de intercâmbio de bens e serviços e de desejos objetivos e anseios subjetivos construídos por esse ser-turista-humano para si e de si mesmo” (Panosso Netto, 2005, p. 30).

Acompanhando, em certa medida essa linha reflexiva e acentuando o caráter humano do fenômeno turístico, Perazzolo, Santos & Pereira (2013a) compreendem o humano como valor essencial fundante do turismo, sem, contudo, desconsiderar outros valores que o envolvem. Sob essa ótica, as pesquisadoras buscam trazer à discussão teórica o elemento que poderia ser considerado propulsor do turismo: o desejo, que emerge de diferentes formas na condição de uma metáfora do objeto original inacessível (Perazzolo; Santos & Pereira, 2013a). Nessa perspectiva, com base no conceito de pulsão epistemofílica proposto por Freud, entendem que o fazer turismo é “motivado pelo impulso/vontade de conhecer na sua forma mais intrínseca” (Perazzolo; Santos & Pereira, 2013a, p. 142, tradução nossa). Em assim sendo, segundo Perazzolo, Santos e Pereira (2013a), a prática turística não é resultante, primariamente, do efeito e da persuasão das ações de marketing e vendas e nem da influência de estratégias econômicas e comerciais, mas sim da “motivação primeira à busca do ‘novo’ [que] estaria sustentada na demanda da busca do prazer em ‘outro lugar’, onde o objeto original não pode ser identificado” (p.142, tradução nossa). Dessa forma, esse impulso “aponta para caminhos que levam à construção da identidade, à procura interminável do saber que não pode ser conhecido” (Perazzolo; Santos & Pereira, 2013a, p. 142, tradução nossa). Nesse sentido, “todo movimento da vida psíquica na direção do externo ao si próprio seria uma forma de turismo” (Perazzolo; Santos & Pereira, 2013a, p. 142, tradução nossa). E, é pela via do acolhimento, potencializada pela interação, que a experiência turística pode tornar-se fonte de saber. Em outras palavras, o processo de conhecer é particularmente potencializado pelas relações que se estabelecem no acolhimento.

Ao destacar o viés que põe em foco a dimensão humana do turismo, parece emergir possibilidades de aproximação da participação em romarias, de um lado, com aspectos como visitação voluntária, deslocamento concreto e simbólico, mudança de rotina, expectativa do novo, impulso/vontade de conhecer (na sua forma mais intrínseca), busca da experiência humana; de outro, com o universo da religiosidade e da espiritualidade (busca do transcendente). Ambas as aproximações, com tonalizações interpretativas diferentes são, de algum modo, abordadas por aqueles cujos estudos se voltam para o que denominam ‘turismo religioso’.

TURISMO RELIGIOSO E HOSPITALIDADE: EM BUSCA DE APROXIMAÇÕES

O turismo religioso, assim como o próprio turismo, apresenta-se como um fenômeno múltiplo, de caráter complexo, abrangendo diferentes significados e motivações e podendo ser analisado e compreendido por meio de abordagens diversas. Sendo assim, para o estudo desse fenômeno, mostra-se pertinente retomá-lo inicialmente numa perspectiva histórica. Nesse sentido, recorrendo a Ribeiro (2003), tem-se que a “institucionalização do turismo está intimamente ligada às peregrinações [...]” (pp. 2-3) as quais, no decurso do tempo, foram acompanhadas pelo surgimento de pousadas, hospedarias na beira de caminhos, povoados, portos e cidades. Nesses locais os peregrinos pernoitavam, descansavam, alimentavam-se e, até mesmo, encontravam mantimentos para prosseguir viagem.

Dividindo esse mesmo entendimento, Abumanssur (2003) destaca o âmbito histórico das relações entre religião e turismo, referindo que o ser humano sempre se deslocou em busca do sagrado para adorá-lo, consultá-lo, festejá-lo ou conhecê-lo. E esse deslocamento levou ao desenvolvimento de uma estrutura de hospedagem e acolhimento. Lembra o autor que nos próprios relatos bíblicos, “observa-se que a religião, com suas exigências e interditos, favoreceu o comércio em torno dos santuários” (p.53). Carneiro (2004), fazendo alusão aos estudos de Dean MacCannell (1976), cita que, “o turismo moderno pode ser visto como uma continuação das peregrinações tradicionais, carregando sentidos e valores que em outros momentos estiveram condensados nesta experiência religiosa” (p.72).

No que se refere à conceituação, em caráter oficial, o turismo religioso é definido, segundo a Conferência Mundial de Roma – 1960, como

[...] uma organização que movimenta inúmeros peregrinos em viagens pelos mistérios da fé ou da devoção a algum santo. A sua prática efetiva realiza-se de diversas maneiras: as peregrinações aos locais sagrados, as festas religiosas que são celebradas periodicamente, os espetáculos e as representações teatrais de cunho religioso, e os congressos, encontros e seminários ligados à evangelização (Ribeiro, 2003, p. 3).

O turismo religioso estaria no deslocamento de peregrinos que buscam centros religiosos motivados pela fé em distintas crenças, e que assumem um comportamento de consumo turístico. Portanto, nesse entendimento, um peregrino pode ser considerado um turista religioso, na medida em que este atualiza a prática da peregrinação adaptando sua viagem (total ou parcialmente) às características do processo turístico (Beni, 2007; Oliveira, 2004). Destacando o caráter religioso dessa modalidade de turismo, Maio (2004), reportando-se a Dias e Silveira (2003), propõe o entendimento de turismo religioso como aquele “empreendido por pessoas que se deslocam por motivações religiosas e/ou para participarem de eventos de caráter religioso. Compreendem romarias, peregrinações e visitações a espaços, festas, espetáculos e atividades religiosas” (p.55)

Para Oliveira (2008), tem-se turismo religioso a partir do momento em que “a própria realidade religiosa – a manifestação pública e coletiva da fé - absorva bases e estruturas do fazer turístico” (p.1). Logo, na opinião do autor, o turismo religioso pode ser definido como “o tipo de viagem que nasce de diferentes motivações religiosas” (p.1). Tanto a experiência turística quanto a religiosa podem se imbricar em um mesmo contexto (Steil & Carneiro, 2008). Desse modo, Oliveira (2008) afirma que a correta definição para esse tipo de turismo estaria na aproximação deste com a religião, ou seja, trata-se “de um fazer turístico capaz de manifestar algum dado de religiosidade” (p.1). Assim, o autor entende que, por meio da religiosidade, o turismo religioso pode ser comparado às peregrinações e às romarias.

O turismo religioso poderia ser entendido ainda como “uma peregrinação contemporânea motivada por celebrações relacionadas direta ou indiretamente com a cultura cristã” (Oliveira, 2004, p. 18). Assim, o autor considera que essa é a característica que mais se sobressai na identificação do turismo religioso com a peregrinação e que, da mesma forma, permite diferenciá-lo de outros tipos de turismo. Nessa perspectiva, adverte ser essencial a compreensão de que o turismo religioso não é de religiosos, nem de religião. Trata-se de um turismo motivado pela religiosidade, pela cultura religiosa, não importando onde esta se manifeste (meio rural, natural ou urbano), tampouco se no cotidiano ou em momentos festivos (com ou sem profissionalismo).

Tendo em conta essas considerações, é possível perceber que, no universo conceitual de turismo religioso estariam presentes estruturas turísticas, mas primordialmente, os elementos ‘fé’ e ‘religiosidade’, ainda que se leve em conta mudanças na forma como hoje se vive a

religiosidade. Assim, as práticas religiosas não podem, hoje, ser concebidas da mesma forma que no passado. O turismo religioso, como fenômeno complexo, abrange e integra muitas formas de vivências, podendo reunir, ao mesmo tempo, em seus espaços, experiências diversas, porém, ao se falar em turismo religioso, a religiosidade passa a ser permeada pelo fazer turístico, e o fazer turístico, pela religiosidade.

Essa permeabilidade reflete-se também na caracterização dos sujeitos do turismo religioso: o peregrino, o turista, o peregrino-turista ou o turista-peregrino. Salienta Nadais (2010), com base nos estudos de Santos (2006), que o peregrino apresentaria uma motivação mais religiosa (aproximando-se mais do sagrado), organizando sua própria viagem; o turista teria, geralmente, sua viagem organizada (por agências de turismo ou organismos religiosos) e vivenciaria uma experiência com características mais históricas, culturais, de caráter estético e espiritual (visando também o contato com o profano). No entanto, a autora remete para o fato de esses sujeitos, em certa medida, possuírem também aspectos comuns (como o deslocamento voluntário, a utilização das mesmas vias, a atração por lugares religiosos). Além disso, reconhecendo a dificuldade de se estabelecerem definições, Nadais (2010) acrescenta que esses sujeitos podem, ao longo da viagem, assumir comportamentos intermediários ou até mesmo trocar de posições. Desse modo, o turista religioso apresenta comportamentos e assume práticas que correspondem tanto ao turismo quanto à religião. Assim, as práticas devocionais, bem como o comportamento das pessoas seriam, de fato, o que permite denominá-las de turista, peregrino, romeiro, ou qualquer outra designação que esteja em conformidade com os seus propósitos (Oliveira, 2003).

Para uma abordagem-síntese das considerações até aqui trazidas a respeito do turismo religioso, poder-se-ia assim dizer, buscando respaldo em Steil e Carneiro (2008), que o contexto turístico-religioso configura-se de forma plural, e que, nem sempre, é possível delinear de maneira clara os seus contornos. Revelam-se múltiplas possibilidades de arranjos entre religião e turismo, campos sociais cujas fronteiras se tornaram porosas, fluidas. Desse modo, o turismo religioso conjuga elementos religiosos e turísticos, colocando-os em permanente diálogo, sem que haja o predomínio de um sobre o outro (Carneiro, 2004).

Após a abordagem de alguns elementos e características que envolvem o turismo religioso, pode-se identificar que, nesse quadro, ganham destaque as peregrinações e romarias. E, especialmente, por este trabalho focalizar as relações de hospitalidade em romarias, estas, assim como as peregrinações, serão tratadas na continuidade, a fim de buscar melhor compreender seus significados e suas relações com o turismo e o turismo religioso.

O termo 'peregrinação', como construção social, abarca uma infinidade de experiências, tanto históricas quanto atuais, de deslocamentos motivados pela devoção e pelo culto (Steil, 2003). Mesmo se apresentando sob uma diversidade de motivações, as peregrinações, em sua essência, podem ser consideradas um fenômeno ligado à natureza do ser humano (Ribeiro, 2003). Brustolin (2007) destaca, como condição real do ser humano, o estar a caminho (*homo viator*), sendo esse caminhar uma categoria espiritual, uma forma de a pessoa encontrar-se consigo mesma. Assim, para este autor, partir "significa romper com a inércia habitual, é dispor-se a avançar, crescer e conhecer o novo" (p. 234). De Fiores e Meo (1995) referem que a peregrinação faz parte da essência da igreja e da sua missão, sendo que a peregrinação não está presente apenas no cristianismo ocidental, mas sim representa um fenômeno universal.

Diferentemente de peregrinação, que compreende longos deslocamentos, o termo 'romaria', cuja origem remonta às peregrinações cristãs a Roma (Crispim, 2002), é específico das línguas portuguesa e espanhola, estando relacionado a deslocamentos curtos envolvendo comunidades e combinando aspectos festivos e devocionais (Nolan & Nolan, 1989 apud Steil,

2003). Duarte (2010) sugere que as romarias continuam sendo uma das maiores manifestações públicas da fé católica, que reúnem múltiplas formas de experiências, alimentando os sentidos do rezar, do caminhar, do fazer/pagar promessas. Também, a autora, por meio das palavras de Fernandes (1982), compreende a romaria como um rito antigo, porém repleto de atualidades. Sob esse entendimento, Duarte (2010) sumariza que, inseridos em contextos históricos e geográficos marcados pela diversidade, os rituais simbólicos das romarias envolvem “uma teia de produções de ritos que apresentam vários pontos comuns: o costume de caminhar, o deslocar-se [...], a divulgação dos milagres, a exposição das graças alcançadas, a solicitação de novos pedidos, os exageros dos sacrifícios físicos” (p.3).

Outros aspectos são também levados em conta no estudo sobre romarias: a diversidade dos participantes e de suas motivações e interpretações, a influência da mídia, a fluidez das fronteiras entre sagrado e profano. Ao mesmo tempo, porém, são focalizadas, na realidade cristã atual, motivações, buscas e aflições mais imediatas dos romeiros; o abandono de seu cotidiano para colocar-se a caminho, na companhia de outras pessoas, em busca de um lugar sagrado visando a um encontro maior (para agradecer, pagar promessas, refazer-se espiritualmente, divertir-se); o retorno ao lugar de partida, trazendo marcas do encontro com Deus, bem como uma visão renovada de si e da sua vida (Valle, 2006).

Em assim sendo, o pensar as romarias poderia ser realizado, como refere Cordeiro (2011), a partir da matriz interpretativa das peregrinações, pois independentemente de características específicas que podem ser atribuídas a uma ou outra prática no universo de ambas está a vivência de um ato religioso de imersão no sagrado, recobrando movimentos físicos, espirituais e temporais. E sob esse prisma, parece aqui configurar-se, de modo mais explícito, relações com o turismo religioso.

Caberia ainda aqui mencionar o entendimento de Cordeiro (2011), segundo a qual a romaria contemporânea carrega aspectos tanto ligados à tradição quanto à atualidade, na medida em que se verifica, nas romarias, a presença de elementos religiosos e culturais, práticas de consumo, lazer e experiências diversas, que se associam às cenas religiosas, incrementando-as. Ter-se-ia aqui, mais uma vez, alusão à relação peregrinação/romaria e turismo religioso. Contudo, é preciso lembrar que aqueles que participam das romarias desejam, sobretudo, rezar, mesmo que para muitos deles a peregrinação represente uma das maneiras de realizar uma viagem e conhecer lugares sagrados sem despendar grandes valores. Dessa forma, o peregrino “[...] sente-se atraído por determinados lugares; volta renovado da experiência feita; e quer voltar para lá o quanto antes” (Krieger, 2007, p. 7).

Como já aqui direta ou indiretamente mencionado, a hospitalidade sempre apresentou um vínculo muito forte com a religião. Talvez esse vínculo mostre-se mais fortalecido em alguns momentos (como no passado) e, menos, em outros. Contudo, sabe-se que a hospitalidade “remonta a antigas civilizações, como a grega, e aparece com frequência associada a questões religiosas sobretudo no cristianismo [...]” (Wada, 2003, p. 63). De acordo com Dias (2002), desde “o início da civilização, os gestos de recepção e hospitalidade, muitas vezes sem a contrapartida do pagamento, parecem cercados por uma aura divina [...]” (p.98). Conforme a tradição, conceder uma atenção sem medidas aos estrangeiros era prática comum. Porém, essa prática consolidou-se com a proposição cristã de pregar o amor ao próximo, sendo que, a partir do século XVII, essas origens da hospitalidade na tradição judaico-cristã eram muito difundidas nos sermões (Dias, 2002). Dessa forma, “a hospitalidade é uma necessidade que os tempos e a crença em Deus elevaram a um *status* de virtude Sagrada” (Dias, 2002, p. 101). Ainda, segundo a autora, na Bíblia há várias passagens referindo-se a virtudes da hospitalidade, pregando que, independentemente das circunstâncias que se apresentarem, é preciso sempre ser hospitaleiro.

É possível perceber a força da ligação entre hospitalidade e religião, também, na seguinte passagem, em que Camargo (2002) refere que a hospitalidade foi e ainda é o princípio básico de um grande número de ordens religiosas católicas, “desde os primeiros beneditinos e cistercienses, cujos mosteiros até hoje cultuam as regras originais da hospitalidade [...], até as mais recentes ordens e congregações religiosas” (pp.5-6). E esse princípio está na base de todas as religiões. De fato, a hospitalidade era considerada, entre os primeiros cristãos, como um dever, uma expressão de caridade, uma virtude humana e cristã, um direito do estrangeiro, uma forma de chegar a Deus, um dom e uma oportunidade para praticar o bem e reparar os pecados (CNBB, 2009).

Oliveira (2004) ressalta que, no turismo religioso, a visita à maioria dos santuários pode representar um gesto de retribuição, em outras palavras, esse tipo de turismo caracteriza-se, em parte, por uma visita de retribuição, a qual é permeada por algum significado espiritual. Para elucidar o fenômeno da hospitalidade no âmbito do turismo religioso, Oliveira (2004) enfatiza o aspecto relacional do turismo entendendo que a “visitação, portanto, faz desaparecer de uma vez por todas a idéia de que o turismo é um movimento extraordinário de mão única. São as trocas e as inversões entre espaços emissivos e receptivos que fazem o turismo acontecer” (p.97). Para o autor, quando “o turista ‘vai’ é porque algo já ‘veio’ até ele. [...]. O elemento essencial está no intercâmbio, e é justamente essa a maior contribuição do turismo religioso para o entendimento do turismo contemporâneo” (p.97). A hospitalidade constitui-se assim em um dos principais núcleos da Pastoral do Turismo e representa também uma das atitudes fundamentais da comunidade cristã (CNBB, 2009).

A Pastoral do Turismo promove o acolhimento e o apoio ao turista na sua busca pelo repouso, ressaltando que “na comunidade local se oferece ao turista a acolhida cristã que o mantém na sua vida de fé, e se dá hospitalidade a todo visitante sem distinção [...]” (CNBB, 2009, p. 62). Em assim sendo, o olhar dos agentes da Pastoral não se volta somente para os turistas, mas também para os agentes de viagens, guias de turismo, aqueles que residem nos lugares que recebem turistas, e todos aqueles envolvidos nessa atividade.

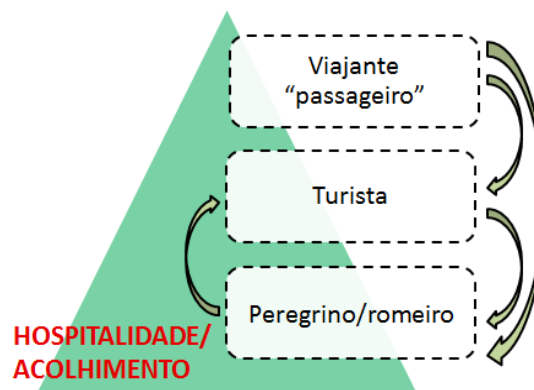
Para a Igreja Católica, o tempo do turismo é um tempo de contemplação, de solidariedade, de partilha e de encontro. Se bem aproveitado, é um meio de unidade dos homens; transformação e elevação pessoal; desenvolvimento do espírito de hospitalidade; restauração da pessoa humana; promoção de relações interpessoais, do senso de autonomia, de autoeducação, do respeito, de novas experiências. Desse modo, “o turismo pode chegar a ser um prazer autêntico, de compartilhamento do tempo livre com a natureza, de experiência e de prática de uma hospitalidade idônea para criar uma cultura de acolhimento, de busca do belo e da sabedoria, de que é rica a tradição bíblica e cristã” (CNBB, 2009, p. 197).

Inserida no âmbito do turismo religioso, encontra-se a Pastoral das Peregrinações, uma vez que os santuários, além de meta de peregrinação de cristãos, na atualidade, tornaram-se, igualmente, o destino de um grande número de turistas, assim como ocorre com as catedrais, os mosteiros e os antigos caminhos de peregrinação, que exercem grande atração sobre o ser humano. Dessa forma, nas peregrinações, não só se realizam visitas a lugares religiosos, mas também são previstos, por organizadores ou por peregrinos, momentos dedicados a visitas culturais e ao repouso.

Nos santuários recebe-se a todos e, em particular, o hóspede, o estrangeiro, aquele que professa outra religião ou aquele que não tem religião. Assim, a experiência da peregrinação precisa ser sustentada “por um adequado acolhimento dos peregrinos ao santuário, que tenha em conta o que é específico de cada grupo e de cada pessoa, as expectativas dos corações e suas autênticas necessidades espirituais” (CNBB, 2009, p. 149).

Por conseguinte, o incentivo à e o cuidado com a visitação de lugares sagrados é tão importante quanto a preparação daqueles que realizarão a peregrinação. “Caso contrário, esvazia-se a experiência e transforma-se o peregrino em um simples turista” (Krieger, 2007, p. 6). A Igreja, do mesmo modo, preocupa-se com a acolhida daqueles que visitam os santuários. Nesse sentido, se “for oferecido um acolhimento adequado [...] [aos] visitantes, eles poderão fazer uma profunda experiência de fé” (Krieger, 2007, pp. 5-6). Portanto, a Igreja vê o turismo como uma oportunidade de evangelização e, se o turista receber uma acolhida adequada e uma preparação para a peregrinação, ele pode converter-se em peregrino e vivenciar uma verdadeira experiência religiosa. Senão, essa experiência será somente turística, não apresentando o envolvimento religioso necessário. Assim, dependendo da forma como um viajante for acolhido ele poderia vir a transformar-se em um turista ou em um peregrino/romeiro, da mesma maneira como um turista poderia transformar-se em um peregrino/romeiro, e um peregrino/romeiro em turista. Essas relações entre viajante-turista-peregrino/romeiro, portanto, são permeadas pelo fenômeno da hospitalidade/acolhimento e por ele determinadas, como é ilustrado pela figura que segue:

Figura 1 – Relações de hospitalidade/acolhimento na configuração do sujeito viajante-turista-peregrino/romeiro



Fonte: As autoras (2013)

Na perspectiva da Igreja, nos santuários e lugares sagrados, a prática da acolhida se faz ainda mais necessária, pois a motivação de muitos turistas que os procuram pode focalizar não somente o sentimento religioso, mas também os aspectos culturais, históricos ou de descanso. Sendo assim, para a Igreja, essas visitas podem representar, para muitos turistas, a única oportunidade de conhecer a fé cristã. A acolhida em lugares de sentido especificamente religioso requer, então, muita atenção devendo esta ser adaptada a esses visitantes, sendo diferenciada daquela oferecida aos que vêm ao santuário em peregrinação. Contudo, desde que haja respeito à identidade religiosa do lugar e ao sentido da peregrinação, nenhum visitante pode ser excluído ou marginalizado. No caso dos lugares religiosos que possuem valor artístico ou histórico (catedrais, mosteiros, igrejas), a acolhida, além de proporcionar informação histórica ou artística, precisa manifestar a identidade e a finalidade religiosa do lugar. No que se refere a outras manifestações da fé, que atraem turistas, especialmente, pela sua tradição popular, a acolhida, outra vez, precisa estar presente, procurando manter o sentido religioso dessas manifestações. Desse modo, o turismo realizado em lugares de

interesse religioso representa “uma oportunidade para que a Igreja exerça sua atividade evangelizadora, além de favorecer momentos de espiritualidade e de contato com o sobrenatural” (CNBB, 2009, p. 220).

Um aspecto importante ainda a ser considerado é que, mesmo se voltando de modo tão específico às questões que envolvem turismo e hospitalidade, a Pastoral não possui, “como primeira finalidade, a análise científica do fenômeno turístico e, menos ainda, a abertura de novos campos turísticos” (CNBB, 2009, p.236). Seu escopo fundamental consiste em auxiliar aqueles que desenvolvem uma ação evangelizadora nesse setor. Porém, justamente pela reconhecida importância das relações de hospitalidade com o turismo – e também com o turismo religioso –, não se poderia prescindir de analisá-las a partir de contributos de diferentes ciências que rompem fronteiras do universo turístico, uma vez que esses contributos parecem mostrar-se passíveis de vir a subsidiar redimensionamentos de horizontes interpretativos, com eventuais repercussões, inclusive, no âmbito da Pastoral.

Nesse sentido, traz-se à reflexão um breve panorama acerca de estudos científicos direcionados ao campo da hospitalidade e assim redesenhando o quadro teórico para referenciar a análise almejada da hospitalidade em romarias.

HOSPITALIDADE E ROMARIA: DIVERSIFICANDO POSSIBILIDADES DE ANÁLISE

Embora a hospitalidade esteja presente desde a Antiguidade até os dias atuais, os estudos a respeito são bastante recentes, surgindo como campo científico emergente e complexo, envolvendo muitas dimensões. São múltiplos os sentidos atribuídos à hospitalidade, à multiplicidade de contextos sociais, situações e lugares que a envolvem, assim como a variabilidade de graus de complexidade e de tipos de enfoques pelos quais ela pode ser examinada (Gidra & Dias, 2004). Estudá-la, pois, se constitui num enorme desafio.

A palavra ‘hospitalidade’, da forma como é utilizada hoje, apareceu pela primeira vez na Europa, em meados do início do século XIII (Grinover, 2002). Advinda da expressão latina *hospitalitas-atris*, a noção de hospitalidade é complexa e engloba diversos sentidos, mesclando comportamentos, atos, qualidades e virtudes como hospedar; acolher; recepcionar; ser gentil, cortês, generoso (Dias, 2002), os quais vêm se constituindo em objeto de abordagens disciplinares e interdisciplinares, em âmbito nacional e internacional.

Numa perspectiva paradoxalmente redutora, porque se a quer abrangente, poder-se-ia dizer que duas grandes vertentes resumem as abordagens teóricas que dela se tem feito, com foco na troca como comércio ou como dádiva. A primeira vincula-se à perspectiva americana da *hospitality management*, cobrindo uma ampla indústria de serviços, calcada no contrato e na troca estabelecida por agências, hotéis, transportadoras, que oferecem pernoite e/ou bebida e/ou alimento e/ou transporte numa base comercial (Chon & Sparrowe, 2003). A segunda, ligada à escola francesa, relaciona a hospitalidade ao dar-receber-retribuir, na ótica de Marcel Mauss (2003), priorizando a perspectiva do humano.

A esse universo podem ser aproximados estudiosos como Gotman (2001 apud Wada, 2003) para quem a hospitalidade seria um processo de agregação do outro à comunidade, e a inospitalidade, o processo inverso; de igual forma, Baptista (2002), que entende a hospitalidade como um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude do acolhimento em relação ao outro, representando a disponibilidade da consciência para acolher a realidade fora de si. Dencker (2003) associa a hospitalidade a uma “forma de receber o outro, de exercitar a alteridade, de conviver com as diferenças dentro de parâmetros de

respeito, tolerância e reciprocidade” (p.146). Reforçando essa perspectiva, Sansolo (2004) destaca que ao “trilharmos o caminho na busca pela conceituação sobre a hospitalidade procuramos evidenciar que se trata, antes de tudo, de um valor humano construído socialmente e codificado culturalmente” (p.179).

Os estudos citados revelam que a hospitalidade associa-se a aspectos mais amplos, englobando muito mais do que o hospedar e o alimentar. Outro aporte teórico ao estudo da hospitalidade focada na dimensão do humano é trazido por Perazzolo, Santos e Pereira (2013a). As autoras buscam, sob as lentes da psicologia, ampliar o espectro conceitual do turismo e da hospitalidade, incluindo relações que possam dali decorrer. Propõem que a hospitalidade seja entendida como um eixo fundante do turismo, na medida em que se parte do princípio de que é a dimensão humana que caracteriza o valor essencial do turismo. Nesse sentido, na base da hospitalidade/acolhimento “estaria a disposição de acolher o outro na sua singularidade, de respeitá-lo, de conhecê-lo, sem imposições *a priori*, de forma ‘incondicional’ [...]” (p.145). Isso porque “em impondo seu espaço, suas normas, sua cultura, o acolhedor estaria acolhendo apenas, a si mesmo, na direção de seu próprio prazer” (p. 145, tradução nossa).

Sob esse enfoque, o acolhimento passa a ser entendido como fenômeno que se instala no espaço constituído entre o sujeito (na sua forma singular e coletiva) que deseja acolher e o sujeito que deseja ser acolhido. O acolhimento, então, é compreendido como fenômeno relacional e não como um comportamento ou um simples ato humano. Portanto, de acordo com as pesquisadoras, hospitalidade

[...] não seria apenas o ato de acolher supondo um único vértice do processo, tampouco seria a expressão do desejo de um ou de outro sujeito situado em qualquer um dos polos da interação como também não seria apenas o produto da relação direta que estabelecem. Hospitalidade ou acolhimento seria, nesse horizonte, um fenômeno complexo e ativo que ocorre em uma área constituída na intersecção resultante do encontro dinâmico de demandas distintas com origem necessariamente numa perspectiva subjetiva do desejo, orbitado por eventos circunstanciais (Perazzolo; Santos & Pereira, 2013a, p. 146, tradução nossa).

Sob esse ponto de vista, para que haja acolhimento, é preciso que se estabeleça uma troca entre os sujeitos envolvidos nessa interação, ou seja, “ambos os sujeitos têm que se ajustar dinamicamente na interação de suas necessidades” (Perazzolo; Santos & Pereira, 2013a, p. 146, tradução nossa). A hospitalidade encontra-se na relação com o outro que é marcada pela percepção mútua dos desejos que são acolhidos, traduzidos, compreendidos e transformados em uma nova mensagem dotada de novos significados, estabelecendo-se, assim, um ciclo interativo que permite a geração de novos saberes. Todavia, embora se mostre evidente que não se pode abolir da noção de hospitalidade o aspecto humano, também o local e sua estrutura física precisam transmitir acolhimento, pois as relações de hospitalidade não prescindem dos espaços em que elas se verificam. O espaço instaura uma ‘linguagem’ que pode ratificar ou abalar essas relações.

Falar em hospitalidade remete, pois, a pensar nas múltiplas dimensões aí implicadas, quando se a vê transformada em produto, ou caracterizada como serviço, associada ao espaço e a estruturas físicas e culturais ou, particularmente, quando concretizada em interações com o outro.

NA DIREÇÃO DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

O amplo leque conceitual envolvendo espiritualidade, religiosidade, turismo, turismo religioso, hospitalidade, peregrinações, romarias em torno do qual se centraram estas reflexões por si só faz entrever as complexas relações e eventuais tensões que se estabelecem entre eles. Se esse fato já se constituiria num argumento suficiente para transformá-las em objeto de estudo, ele se faz ainda mais relevante quando estão em jogo aspectos relacionados à própria dimensão humana dos sujeitos peregrinos/romeiros turistas ou turistas peregrinos/romeiros e a práticas religiosas historicamente instituídas e consolidadas. Essa relevância, por sua vez, faz-se mais significativa, na medida em que os sujeitos envolvidos nessas práticas, e elas próprias, inserem-se numa era de individualismo, de vazio, de busca infinita de prazeres, de inversão do ser pelo ter, da negação de limites, de liquidez das relações, de hiperconsumo, como referem Bauman (2000) e Lipovetsky (2007).

Aqueles a quem cabe pensar o planejamento, a organização e implementação de ações ligadas diretamente ao denominado turismo religioso, ou particularmente, a peregrinações e romarias, não podem prescindir de vê-las nesse amplo contexto conceitual e pragmático, sob pena de virem a comprometer ganhos pessoais, institucionais e coletivos que essa experiência turístico-religiosa ou religiosa-turística possa propiciar. E sob esse prisma, o mais apropriado é que aí se tenha presente a maior diversidade possível de lentes teórico-analíticas.

REFERÊNCIAS

- Abumanssur, E.S. (2003). Religião e turismo: notas sobre as deambulações religiosas. In: Abumanssur, E.S. *Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. Campinas: Papirus.
- Baptista, I. (2002). Lugares de hospitalidade. In: Dias, C.M. de M. (Org.). *Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas*. Barueri: Manole.
- Bauman, Z. (2000). *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Beni, M.C. (2007). *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: Senac.
- Bettega, J.J. (2009). *A experiência da espiritualidade e sua relação com o desempenho dos trabalhadores em uma indústria metalúrgica do segmento eletroeletrônico*. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Administração. Disponível em: <https://ucsvirtual.ucs.br/te deposgraduacao/td e_busca/arquivo.php?codArquivo=291>. Acesso em 29 jan. 2013.
- Boff, L. & Frei Betto (1994). *Mística e espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Boff, L. (2006). *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Brustolin, L.A. (2007). Santuário: caminhos de contemplação da beleza de Deus. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v.37, n.156, pp.231-239. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/2704/2055>>. Acesso em: 5 jan. 2013.
- Camargo, L.O.L. (2002). Turismo, hotelaria e hospitalidade. In: Dias, C.M.M. (Org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri: Manole.
- Carneiro, S.M.C.S. (2004). Novas peregrinações brasileiras e suas interfaces com o turismo. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, v.6, n.6. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/viewArticle/2267>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

Chon, K.S. & Sparrowe, R.T. (2003). *Hospitalidade: Conceitos e aplicações*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (2009). *Pastoral do Turismo: desafios e perspectivas*. Brasília: Edições CNBB.

Cordeiro, M.P.J. (2011). O vivido, o recorrente e o construído: tramas de significação em contexto de romarias. In: *Anais do 11º Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais*. Salvador, pp.1-13. Disponível em:

<http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308348952_ARQUIVO_Artigo completo-CONLABGT17-MariaPaulaJacintoCordeiro.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2013.

Crispim, L.O. (2002). Evento religioso e lazer: vivência acadêmica na peregrinação de Madre Paulina. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 14, 2002, Santa Cruz do Sul/RS. *Anais do 14º Encontro Nacional de Recreação e Lazer*. Santa Cruz do Sul, RS: Universidade de Santa Cruz do Sul. Disponível em: <http://www.redcreacion.org/documentos/enarel14/Mt_ppp03.html>. Acesso em: 9 jan. 2013.

De Fiores, S. & Meo, S. (Orgs.). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995.

Dencker, A.F.M. (2003). A Abordagem Científica em Hospitalidade. In: Dencker, A.F.M. & Bueno, M.S. (Orgs.). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Dias, C.M.M. (2002). O modelo de hospitalidade do Hotel Paris Ritz: um enfoque especial sobre a qualidade. In: Dias, C.M.M. *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri: Manole.

Duarte, A.H. da S.D. (2010). Romarias: experiência de fé e circularidade cultural. In: Encontro Regional de História, 20, 2010, Franca. *Anais do XX Encontro Regional de História*. Franca: [s.ed.]. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Ana%20Helena%20da%20S.%20Delfino%20Duarte.pdf>>. Acesso em: 9 jan. 2013.

Eliade, M. (1992). *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes.

Gastal, S. (2005). *Turismo, imagens e imaginários*. São Paulo: Aleph.

Gastal, S. & Moesch, M.M. (2007). *Turismo, políticas públicas e cidadania*. São Paulo: Aleph.

Gidra, G. & Dias, C.M.M. (2004). Hospitalidade: da simplicidade à complexidade. In: Dencker, A.F.M. (Org.). *Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Grinover, L. (2002). Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: Dias, C.M.M. (Org.). *Hospitalidade: Reflexões e perspectivas*. Barueri: Manole.

Krieger, M.S.R. (2007). *Pastoral do Turismo: um desafio para a Igreja*. Florianópolis: [s.ed.]. Documento pessoal. Mensagem recebida por <dom.murilo@arquifln.org.br> em 28 dez. 2011.

Lipovetsky, G. (2007). *A Felicidade paradoxal: ensaios sobre uma sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Cia das Letras.

Maio, C.A. (2004). Turismo religioso e desenvolvimento local. *Publicatio UEPG: Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes*. Ponta Grossa, v. 12, n. 1, jun., pp.53-58. Disponível em:

<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/viewFile/503/505>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

Mauss, M. (2003). Ensaio sobre a dádiva. In: Mauss, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.

Nadais, C.D.F. (2010). *O turismo e os territórios da espiritualidade: os caminhos de Santiago em Portugal*, 106 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Programa de Pós-Graduação em Lazer, Patrimônio e Desenvolvimento. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15370/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20mestrado_Catarina%20Nadais.pdf>. Acesso em 12 dez. 2012.

Oliveira, A.C. & Santos, M.M.C. dos. (2010). No panorama conceitual da hospitalidade, a presença de novos aportes teóricos. In: *Anais... VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul*. Caxias do Sul: [s. ed.],.

Oliveira, C.D.M. de. (2003). Turismo, monumentalidade e gestação: escalas e dimensões da visitação religiosa contemporânea. In: Abumanssur, E.S. *Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. Campinas: Papirus.

Oliveira, C.D.M. de. (2004). *Turismo religioso*. São Paulo: Aleph.

Oliveira, C.D.M. de. (2008). Turismo religioso: uma breve apresentação. *Jornal O Lince*, Aparecida, fev. Disponível em: <http://www.jornalolince.com.br/2008/fev/agora/turismoreligioso_jornalolince_edicao14.pdf>. Acesso em 6 fev. 2013.

Panosso Netto, A. (2005). *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph.

Perazzolo, O.A.; Santos, M.M.C. & Pereira, S. (2012). Hospitalidade numa perspectiva coletiva: o corpo coletivo acolhedor. *Revista Brasileira de Pesquisa Em Turismo*, São Paulo, v. 6, n. 1, jan-abr, pp. 3-15. Disponível em: <<http://www.rbtur.org.br/ojs/index.php/rbtur/article/view/484/503>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

Perazzolo, O.A.; Santos, M.M.C. & Pereira, S. (2013). Dimensión relacional de la acogida. *Estudios y perspectivas en turismo*, Buenos Aires, v. 22, n. 1, jan., pp. 138-153. Disponível em: <<http://www.estudiosenturismo.com.ar/PDF/V22/N01/v22n1a08.doc.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

Perazzolo, O.A.; Santos, M.M.C. & Pereira, S. (2013). O acolhimento – ou hospitalidade turística – como interface possível entre o universal e o local no contexto da mundialização. *Revista de turismo y patrimonio cultural - Pasos*, La Laguna, v. 11, n. 1, jan., pp. 45-55. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/11113/PS0113_04.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2013.

Ribeiro, H. (2003). Andar com fé e o sentido do chegar. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/viewarticle.php?id=25&layout=abstract>> Acesso em: 29 jan. 2013.

Roberto, G.L. (2011). Espiritualidade X Religião. *Ruah*, Porto Alegre, n. 55, p. 18. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/pastoral/ruah/pdf/ruah201101.pdf#page=18>>. Acesso em: 5 jan. 2013.

Sansolo, D.G. (2004). Indicadores ambientais de hospitalidade em lugares turísticos: uma reflexão para o planejamento. In: Dencker, A. de F.M. (Org.). *Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Steil, C.A. (2003). Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: Abumanssur, E.S. *Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. Campinas: Papyrus.

Steil, C.A. & Carneiro, S. de S. (2008). Peregrinação, turismo e nova era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 28/1, pp. 105-124. Disponível em: <<http://www.iser.org.br/religioesociedade/public.html>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

Valle, E. (2006). Santuários, romarias e discipulado cristão. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 4, n.8, pp. 31-48. Disponível em: <http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/28717_3802.PDF>. Acesso em: 09 jan. 2013.

Wada, E.K. (2003). Reflexões de uma aprendiz da hospitalidade. In: Dencker, A. de F.M. & BUENO, M. S. (Orgs.). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Zenevicz, L.T. (2009). *A dimensão espiritual no processo de viver envelhecendo*. 193 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica do Instituto de Geriatria e Gerontologia. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2348>. Acesso em: 5 jan. 2013.